

**Carta circular n° 15**

**Prot. 00867/99**  
**Reflexões sobre o VI CPO**  
**Segunda parte**

**SOLIDARIEDADE E INTERDEPENDÊNCIA**

A todos os frades da Ordem  
e às nossas irmãs Clarissas Capuchinhas

***“E um manifeste ao outro com confiança as suas necessidades, para que este lhe arranje o necessário e lhe sirva”*** (cf. Rnb 9,13).

*Estimados irmãos e irmãs,*

1. É interessante observar que o texto empregado por São Francisco na Regra para descrever *a sublimidade da altíssima pobreza* (cf. Rb 6,4) foi escrito por São Paulo para sugerir o que será o primeiro grande ato de solidariedade entre as Igrejas: *“De fato, vocês conhecem a generosidade de nosso Senhor Jesus Cristo; ele, embora fosse rico, se tornou pobre por causa de vocês, para com a sua pobreza enriquecer a vocês”* (2 Cor 8: 9). O fato que frei Francisco utilizou este texto para inspirar a pobreza evangélica nos seus frades, indica a íntima conexão entre a pobreza evangélica e a solidariedade. O VI Conselho Plenário da Ordem situa estas duas virtudes no coração da pobreza evangélica franciscana, dedicando oito das suas quarenta e cinco *Proposições* (cf. Prop. 21,22,24,25,27, 28,44 45) à solidariedade e à interdependência.

**Um estatuto da virtude da solidariedade**

2. São Paulo é o mais internacional dos Apóstolos, aquele que possui a visão mais ampla da universalidade do Evangelho de Jesus. Não é portanto uma coincidência o fato que ele tenha escrito aquilo que podemos definir “o estatuto da virtude da solidariedade”. O conceito de solidariedade de Paulo na Segunda Carta aos Coríntios brota diretamente da sua visão da Igreja. *“Como, de fato o corpo, embora sendo um, tem muitos membros e todos os membros, embora sendo muitos, são um corpo somente, assim também Cristo. E, realmente, nós todos fomos batizados num só Espírito para formar um só corpo, judeus ou gregos, escravos ou livres; e todos bebemos de um só Espírito”* (1 Cor 12.12-13). Porque maior dom do Espírito à Igreja é o dom do Amor (1 Cor 13,13), Paulo - como referido acima - apela ao amor incondicionado de Cristo, cabeça da Igreja, para solicitar a solidariedade dos Coríntos.

Apela ao princípio da Justiça distributiva para determinar a medida da solidariedade. “Não queremos que o alívio para os outros seja causa de aflição para vocês, mas, que haja igualdade, Neste momento, o que está sobrando para vocês vai compensar a carência deles ...” (2 Cor 8, 13-14). Esta solidariedade não pode ter uma legislação fixa, esta existe somente graças ao poder e à inspiração do amor. Conseqüentemente a solidariedade dos Coríntios deve ser “*uma verdadeira oferta e não ... uma avareza mesquinha.*” (2 Cor 9,5). A partilha que brota do amor de nosso Senhor Jesus Cristo “*feito pobre para vocês*” enriquece não somente quem a recebe mas também quem a oferece: “*E vocês ficarão enriquecidos de todos os modos para praticar toda espécie de generosidade, que provocará a ação de graças a Deus por meio de nós. De fato, o serviço desta coleta não deve ser apenas satisfação às necessidades dos cristãos, mas há de ser ocasião de dar efusivas ações de graças a Deus.*” (2 Cor 9, 11-12). Referindo-se seja aos dons que os Coríntios já haviam recebido, seja à solidariedade que ele estava lhes pedindo naquele momento, Paulo usa o termo *charis*. Mais acima, falando de “*agradecimento*”, Paulo usa o termo *eucharistia* que é uma derivação da palavra *charis*. Deste modo o Apóstolo ressalta que existe uma íntima conexão entre a eucaristia e a partilha dos dons. De fato, Paulo afirma de moto muito claro que a falta da partilha dos bens ofende a comunhão e peca contra a Eucaristia. (cf. 1 Cor 11,17-34; William Henn, OFMCap., *Pluriformidade aplicada à pobreza*, Analecta OFMCap., vol. 114 nº 3, pp. 724-725.

### A visão franciscana da solidariedade

3.1 Iniciando com os modernos ensinamentos sociais sobre solidariedade na Encíclica *Sollicitudo rei socialis* (Solicitude para com as questões sociais) e a visão de São Francisco sobre a mútua dependência (Rnb 9), a *Proposição* 21 apresenta a visão franciscana da solidariedade (cf. Carta circular 13, parágrafos 3.4.1 e 5.2):

A **partilha dos dons** entre as várias igrejas locais é uma das dimensões necessárias da catolicidade (LG 13). Para São Francisco a partilha dos bens vai além da obrigação jurídica e entra na esfera do amor recíproco “*porque se a mãe nutre e ama seu filho carnal (cf. 1 Tess. 2,7) quanto mais diligentemente um deve amar e nutrir o seu irmão espiritual ?*” (Rb 6, 8). A *Sollicitudo rei socialis* define a virtude moral da solidariedade como “*uma firme e constante determinação em aplicar-se ao bem comum, ou seja, ao bem de todos e de cada indivíduo porque todos nós somos responsáveis por tudo*” (SRS 38). São Francisco reforça esta definição de solidariedade anunciando uma fraternidade na qual não existe a vergonha de ser dependentes uns dos outros (Rnb 9, 6-7). Francisco, de fato, afirma claramente que a dependência é uma conseqüência da criação e redenção e, portanto, é um direito (Rnb 9, 8). Além do mais, a interdependência exige o dom teológico do amor que enriquece quem doa e quem recebe do mesmo modo (Rnb 9,9)”.

3.2 O compromisso para um sustentável crescimento econômico neste mundo estende a visão da mútua dependência até abraçar toda a criação (cf. *Proposições* 26, 28):

“ ... os frades se comprometam com a paz , a justiça e a integridade do criado, usando com parcimônia os recursos da “*mãe terra*” e tendo cuidado, com responsabilidade fraterna, dos últimos (V CPO, 15), daqueles que não tem voz, das gerações futuras”. (Prop. 26).

## Solidariedade, interdependência e economia global

4.1 A globalização teve não poucas conseqüências positivas para o nosso mundo. A transformação de nossa Ordem centrada na Europa e na América do Norte, em 1970 numa fraternidade mundial no ano 2000 não teria sido humanamente possível sem os meios globalizantes das modernas comunicações e das viagens. Também a economia global tem suas vantagens. Ela causa em muitos setores da população mundial uma segurança e um bem estar jamais atingido na história da humanidade. Ao mesmo tempo, a solidariedade e a mútua dependência são objetivos contrários aos princípios fundamentais da economia global que controla grande parte da vida e da opinião pública do mundo de hoje. O primeiro objetivo da economia global é o aumento da riqueza. Segundo a sua lógica, uma nação é rica quando o patrimônio é concentrado nas mãos de alguns, não quando é dividido com a maioria. Esta é a negação da solidariedade.

Outro objetivo fundamental é a maximização do lucro. O lucro aumenta quando se cria a dependência: mais os outros dependem dos meus produtos e serviços, mais posso manter altos os meus preços! A dependência, na economia global, não é certo *“a herança e a justiça devida aos pobres”* (cf. Rnb 9, 8). Na economia global a dependência é temida somente porque ela nos deixa fracos e expostos a risco; a descoberta da dependência dos outros não é um convite a serviço (cf. Rnb 9,10), mas sim uma oportunidade para usar o outro para maior lucro e vantagem pessoal. A *Proposição 28* afirma:

“As forças do mercado da economia global dão um diferente e trágico significado às palavras de Jesus: *“A quem tem, será dado; e a quem não tem será tirado também aquilo que tem”* (Mt 13,12)

Para a economia global é inconcebível *a vontade* de depender dos outros: é, portanto, inconcebível a motivação proposta pela *Proposição 28*:

Considerando o exemplo de Francisco *que não podia suportar ver uma pessoa mais pobre que ele* devemos nos comprometer e ouvir sobretudo aqueles que estão excluídos da partilha dos benefícios da economia global”. (*Proposição 28*)

4.2 A eficiência da economia global é baseada na concentração do poder e no triunfo da competição. Este critério é aplicado sobretudo nas relações econômicas, todavia ele produz mentalidade e atitudes que vão além do setor econômico entalhando as outras áreas da vida humana e o mundo das relações. Conseqüentemente uma vida estruturada sobre esquemas da economia global raramente é portadora de unidade e comunhão. Com mais freqüência as filosofias que estão na base da economia global produzem divisões e discórdias.

4.3 Em direto contraste com os princípios fundamentais da economia global, a solidariedade e a mútua dependência visam criar um mundo interdependente do momento que tal visão da vida está mais em harmonia com a Escritura (cf. Gên 1-3). Esta prospectiva é também mais vizinha da *“sublimidade da altíssima pobreza”* descrita por Francisco no capítulo 6 da Regra. A sua pobreza, radicada em concretas decisões econômicas como o não uso do dinheiro e a não apropriação dos bens, etc.

(cf. Circular 14 § 4.1), desembocava numa prospectiva mais ampla que abraçava uma visão geral da vida (Circular 14 § 3.3). Como expressão desta “*sublimidade da altíssima pobreza*” a solidariedade e a mútua dependência comprometem também as relações econômicas e dão vida a uma visão espiritual que vai muito além do fator econômico. A *Proposição 22* afirma:

“A Solidariedade não consiste antes de tudo dar coisas aos outros, mas é interdependência recíproca e fraternidade. *A cultura da solidariedade* (e a mútua dependência) *cria novos modos de compreender e de viver os relacionamentos com os outros*. Francisco, andando entre os leprosos, mudou o seu modo de relacionar-se com eles”.

### **A solidariedade requer decisões**

5.1 Com a “*sublimidade da altíssima pobreza*” também a solidariedade e a mútua dependência devem ser radicadas em opções econômicas claras e inequívocas, uma vez que tais escolhas, que guiam muitas das nossas decisões e juízos quotidianos, formam atitudes e encarnam uma espiritualidade que tem uma grande influência sobre todas as outras relações da vida:

“Tais escolhas exprimiram não somente animando e participando, de modo crítico, de movimentos de solidariedade e de ecologia, mas ainda mais, vivendo de modo sóbrio, contentes com o pouco e não cegamente dominados pela sociedade de consumo.” (*Proposição 26*, cf. também Carta Circular 12 § 4.4.)

5.2 A presença do termo “escolha” na *Proposição 26* é significativa e me impulsiona a rever o conceito de solidariedade a fim de penetrar melhor na realidade quotidiana. O papa João Paulo II, na *Sollicitudo rei socialis* nos recorda que a solidariedade “não é um sentimento de vaga compaixão ou de superficial enternecimento pelos males de tantas pessoas, próximas ou distantes” (nº38): refere-se à comoção que um poderia provar vendo na televisão as vítimas de um pavoroso terremoto ou as imagens das vítimas dos direitos humanos. Talvez poderemos ter algum sentimento de culpa ou provar espanto e raiva: *mas não acontece nada! A solidariedade*, ao contrário, faz de modo que suceda alguma coisa porque ela se refere às *decisões* que derivam da “determinação firme e perseverante de comprometer-se com o bem comum”, como disse o papa. O estado de ânimo que dá origem a tal determinação é a consciência de que “*todos somos verdadeiramente responsáveis por todos*” (ibid.). É necessário chegar a tais opções após uma atenta consideração e busca. O trabalho de discernimento pode tornar difícil no caso de se tratar de indivíduos, mas para uma comunidade cumprir as decisões sérias comporta um trabalho de preparação através do diálogo e do compromisso pessoal de cada frade. Temos a força para fazer juntos este percurso? Estamos prontos a correr o risco que esta aventura fraterna comporta?

### **Escolher um mundo interdependente**

6.1 Abraçando a pobreza evangélica e as decisões que encarnavam esta espiritualidade, Francisco e os seus primeiros companheiros não derrubaram, nem reformaram a emergente economia de mercado do seu tempo. A sua escolha teve, porém, um

tríplice efeito: afirmou e protegeu a sua identidade de “frades menores”; separou-os das mais evidentes injustiças e desigualdades do mundo em que viviam e apresentou ao mundo um modelo visível de relacionamentos humanos em contraste com o modelo prevalecente do seu tempo. Estes permanecem ainda hoje para nós os objetivos da nossa escolha da solidariedade e da mútua dependência.

- 6.2 Em março de 1999 o Definitório geral emitiu um Documento intitulado *Solidariedade Econômica Internacional*. Baseando-se sobre princípios de solidariedade e interdependência, como descritos na *proposição* 24 do VI CPO, o documento é uma tentativa de reforma das relações econômicas entre as diversas circunscrições da nossa Ordem. Toda a Ordem é, portanto, convidada a estudar e refletir sobre este documento em preparação ao Capítulo Geral do próximo ano. Após as oportunas modificações, se espera que o Capítulo assuma esta nova visão em nome de toda a Ordem.
- 6.3 Os princípios indicados na *Propositio* 24 podem ser aplicados também aos relacionamentos entre as fraternidades da mesma província ou circunscrição. A solidariedade e interdependência dentro das províncias ou circunscrições têm a mesma importância para o nosso testemunho de comunhão da que se realiza entre as províncias diversas. É absolutamente necessário que os capítulos locais e provinciais comecem a refletir sobre isto.
- 6.4 Os promotores da economia global sustentam que o aumento da riqueza nas mãos de poucos reverterá gradualmente e transformará a vida de todos os outros. Esta reivindicação - como Susan Gerge demonstrou com sua exposição no VI Conselho Plenário da Ordem - é somente uma ilusão. De fato, a visão de um mundo de inter-relações baseado na solidariedade e na mútua dependência oferece uma esperança mais sólida para a mudança da sociedade. Por esta razão o Conselho Plenário insiste para que “a comunhão fraterna e a interdependência inspirem e definam ... a nossa interação com o mundo e em particular com o mundo dos pobres.” (cf. *Proposição* 21). Tudo isto oferece um rico material para a reflexão nas fraternidades locais e provinciais de nossa Ordem.
- 6.5 Desde o início de nossa história a vitalidade da fraternidade internacional de nossa Ordem é sustentada na partilha e no movimento dos frades entre as várias circunscrições. Esta partilha apresentou diversas formas. A mais óbvia é a expansão missionária da nossa Ordem. Por exemplo, neste período novas presenças de capuchinhos estão se estabelecendo em Burkina Faso e em Gabon. Estes movimentos, naturalmente, se baseiam na distribuição dos frades nas várias regiões.

São muitos os exemplos de mútua ajuda do pessoal da formação: as três províncias da Indonésia mandaram formadores para Madagascar e Paquistão; as províncias da Índia estão ajudando a África Ocidental e Oriental na formação.

No início deste século, alguns frades da Província da Holanda ajudaram na refundação da Província de Varsóvia, após um período de opressão e supressão. Hoje os frades poloneses prestam serviço às renascidas fraternidades da Lituânia e da Letônia. Dezessete frades de Cracóvia foram incorporados à Província de Viena. Muitos frades de diversas nações servem os emigrantes na Europa e América.

Deste modo eles favorecem a inserção das nossas fraternidades européias e americanas entre as pessoas mais pobres. A vitalidade e o rejuvenecimento da nossa Ordem como fraternidade internacional continuará a solicitar o intercâmbio de frades entre as várias circunscrições. Tornar próprias as atitudes de solidariedade e de interdependência pode ajudar a Ordem a tomar consciência disso e criar novas estruturas de colaboração fraterna entre continentes e circunscrições.

## Os pães e os peixes

- 7.1 A multiplicação dos pães e dos peixes é um milagre da solidariedade. No evangelho de Marcos, quando os apóstolos se lamentavam de não conseguir saciar a fome da multidão, Jesus disse: “*Quantos pães vocês têm?*” (Mc 6,38). Jesus nos deixa evidente que os milagres de Deus não substituem a ação humana: os apóstolos tiveram antes que empregar o máximo os seus recursos. João esclarece um outro significativo detalhe descuidado por outros evangelistas: “*Está aqui um rapaz que tem cinco pães e dois peixes*” (Jo 6,9). Encontro sempre uma dificuldade em imaginar que uma multidão de 5000 pessoas tivesse tão pouco alimento assim. Talvez João tem a resposta. Provavelmente outros entre a multidão tinham algum pedaço de pão e um pouco de peixe, mas somente um rapaz foi assim generoso em querer partilhar! Com esta importante informação João acrescenta ao milagre de Jesus um outro elemento crucial: a solidariedade. Na multiplicação dos pães Jesus aumenta o valor expoente do generoso ato de solidariedade de um rapaz com cinco pães de cevada e dois peixes. *Os milagres de Deus iniciam lá onde a generosidade humana chega ao limite!* A generosidade humana é um milagre da graça.
- 7.2 Se - como disse antes - Paulo é o apóstolo que tem uma visão universal, João é aquele que melhor proclama o primado do amor. Não existe solidariedade autêntica sem amor. Eis porque o papa pode afirmar: “A solidariedade é indubitavelmente uma virtude cristã ... É possível entrever numerosos pontos de contato entre a solidariedade e a caridade, que é o sinal distintivo dos discípulos de Cristo”. (*Sollicitudo rei socialis*, 40). Estou convencido de que seja dever e vocação das nossas fraternidades capuchinhas proclamar e manifestar a *alma* cristã na experiência da solidariedade. Vemos tudo isto eloqüentemente expresso pelo papa João Paulo II na *Vita Consecrata*: “Para as pessoas consagradas transformadas em ‘um só coração e uma só alma’ (Atos 4, 32) por este amor derramado nos corações pelo Espírito Santo (cf. Rom 5,5), torna-se uma exigência interior colocar tudo em comum: bens materiais e experiências espirituais, talentos e inspirações, assim como ideais apostólicos e serviços caritativos” (VC 42). O papa conclui citando a regra de São Basílio: “Na vida comunitária a energia do Espírito, que está numa pessoa, passa simultaneamente a todas. Não apenas se usufrui do próprio dom, mas este se multiplica na doação aos outros e goza-se do fruto do dom do próximo como do próprio” (VC 42). O que o papa e São Basílio dizem sobre a energia do Espírito partilhada pelos irmãos no âmbito de uma fraternidade pode bem ser aplicado nos relacionamentos entre as fraternidades. Quando uma fraternidade local pratica a autêntica solidariedade, dividindo os dons espirituais e materiais, “a energia do Espírito Santo, que está numa determinada fraternidade, passa simultaneamente para todas” as outras e a nossa fraternidade presente em todo o mundo torna-se uma rede de solidariedade dotada da força do Espírito Santo. A tradição cristã sempre viu no milagre dos pães e dos peixes uma imagem da Eucaristia. Enquanto

São Paulo afirma que a falta de partilha dos bens ofende a comunhão e é um pecado contra a Eucaristia (cf. 1 Cor 11, 17-34), São João nos ensina que a solidariedade é uma ação eucarística. Peço que nossas fraternidades ofereçam como solidariedade os “pães e peixes” de sua pobreza, que ainda uma vez perpetuam no mundo o milagre do amor. Cada dia, quando as nossas fraternidades em todo o mundo se encontram em torno da mesa do Senhor, Jesus se levanta desta mesa para lavar os pés dos seus discípulos e responder às suas necessidades (cf. Jo 13). Possa ele encontrar fraternidades desejosas de doar, como gesto de solidariedade, os pães e os peixes que permitirão o perpetuar-se dos seus milagres no mundo de hoje.

Fraternalmente



*fr. John Corriveau*  
fr. John Corriveau, OFM Cap.  
Ministro geral

Solenidade de Todos os Santos,  
1º de novembro de 1999

## Para a reflexão pessoal

Detenha-se um tempo de oração pessoal e meditação sobre estes textos da Escritura:

- “Você conhece realmente a graça de nosso Senhor Jesus Cristo: de rico que era se fez pobre para vocês, para que vocês se tornassem ricos através de sua pobreza” (2 Cor 8, 9).
- “Como, de fato, o corpo, embora sendo um, tem muitos membros e todos os membros, embora sendo muitos, são um só corpo, assim também Cristo. E, na realidade, nós todos fomos batizados em um só Espírito para formar um só corpo, judeus ou gregos, escravos ou livres; e todos somos batizados num só Espírito” (1 Cor 12, 12-13).
- “Quantos pães vocês têm? ... Está aqui um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixes” (Mc 6,38); Jo 6,9).

## Perguntas para um diálogo fraterno

1. Cumprir decisões sérias para uma comunidade comporta um compromisso exigente que requer o diálogo e o envolvimento de cada frade.
  - *Que tipo de compromisso é solicitado à fraternidade local para tornar própria e realizar a visão franciscana da solidariedade (cf. § 3 e 6)?*
  - *Valorizamos e vivemos verdadeiramente “ a mútua dependência”? Em quais modos a “cultura da mútua dependência” pode mudar as relações no âmbito da nossa fraternidade?*
  - *Neste encontro fraterno que decisão podemos tomar juntos para iniciar o caminho?*
2. Como reagimos à admoestação de Paulo “quem rejeita a partilha falta com a comunhão e peca contra a eucaristia” (cf. 1 Cor 11,17-34)?
3. O que devemos fazer concretamente para que “a abundância supere à indigência”? (cf. 2 Cor 8, 13-14)
4. “A comunhão fraterna e a interdependência devem inspirar e definir as nossas estruturas de solidariedade entre as fraternidades locais, províncias e internacionais” (*Proposição 21*)
  - Quais estruturas de solidariedade existem agora, nestes níveis?
  - Quais mudanças requerem?